

A Indústria precisa da Universidade?

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

A imagem das universidades vai sofrer uma profunda alteração. Os docentes universitários não podem ficar parados. A nossa Indústria precisa da Universidade que não temos, pois a flexibilidade e competitividade exige eficácia e competência.

Nas intervenções públicas às vezes ouvem-se (fazem-se) afirmações que no contexto e ambiente em que são proferidas têm um efeito terapêutico (sobre os males em discussão) pela sua irreverência ou efeito de choque. Põe-nos a pensar sobre a realidade. E isto já é bom, pois em geral a realidade impregna-nos de uma rotina adormecedora que se revela prejudicial.

Essa acção de despertar surpreendeu-nos recentemente no desabafo inesperado de um professor universitário, repleto de desilusão: «Em Portugal a Indústria não precisa da Universidade».

Para quem tem andado décadas a fio, num esforço constante, a tentar aproximar entre si a Indústria e a Universidade, tão crua afirmação conclusiva justifica uma pausa de reflexão. Na realidade, a nossa Indústria precisa ou não da nossa Universidade?

A questão parece académica, mas não é. Arrasta atrás de si laivos de sobrevivência, resultantes da autonomia universitária, com o Estado a desligar-se cada vez mais dos custos de exploração das instituições que proliferaram nos últimos anos por todo o território. Nesta tendência, a pertinente interrogação deve ser analisada, dissecada o mais e o melhor possível, porque a resposta encontra-se na ligação entre dois sectores basilares das estruturas societárias: uma tradicionalmente dinamizadora da sociedade e outra perspectivada para desempenhar um papel preponderante na economia nacional.

Partamos então do princípio que a Indústria se vai modernizar, no sentido de cumprir a aspiração desenhada de contribuir mais solidamente para o PIB.

Neste processo de modernização, será que os empresários irão prosseguir o ponto de vista tradicional de comprar equipamentos e sistemas ao estrangeiro, pondo os operadores portugueses simplesmente a carregar no botão? Com tal cenário bastará dispor de alguns homens de boa vontade, dar-lhes a instrução profissional restrita que lhes convém e entregar as instalações a esses trabalhadores de mão-de-obra «qualificada». Se as circunstâncias exigirem a intervenção de qualquer «cabeça-de-obra», não haverá mais que enviar uma requisição por fax ao estrangeiro, que os especialistas aí formados responderão à solicitação, acompanhados da respectiva factura. A Espanha já se perfila, aqui junto à fronteira (conhecem-se casos vindos de Sevilha e não só), para suprir comodamente as incapacidades dos serviços de engenharia nas empresas portuguesas. Com esta filosofia

de comodidade, a Indústria em Portugal não precisa para nada das Universidades portuguesas de cariz tecnológico (continuando a necessitar das envolvidas com Economia e Gestão). Tal como aconteceu noutras épocas com os carvoeiros (embora estes não frequentassem as universidades humanistas desses tempos), assim os engenheiros portugueses seriam uma espécie em vias de extinção.

Outro cenário será admitir que a Indústria vai necessitar de engenheiros tecnológicos (caracteriza-se o perfil industrial devido às inovações de Engenharia Financeira, Engenharia do Território e até Engenharia de Gestão). Neste pressuposto, considerado mais realista, fica por saber se os industriais precisam da Universidade que temos. Se não precisarem, como já não existe o Estado-social que alimentava a instituição universitária, esta ruirá envelhecida (em muitos casos, precocemente). Ora acontece que a actual Universidade corre o risco de ficar marginalizada quanto a fornecer engenheiros à sociedade. É que estão a aparecer inúmeras instituições apostadas em fazer essa função tradicional (e nobre) da Universidade: laboratórios de investigação do Estado estabelecem convénios com universidades estrangeiras para acreditarem as suas acções de formação; infraestruturas tecnológicas desenvolvem programas supletivos nas suas regiões em estreita proximidade com as empresas locais; as escolas particulares de ensino superior procuram preencher nichos de mercado que lhes garantam continuidade e crescimento.

Desta análise torna-se óbvio que a imagem das universidades públicas vai sofrer uma profunda alteração. A livre concorrência irá impor uma postura no quadro das instituições muito diferente da que tem pautado a realidade. Os docentes universitários e em especial os que exercem funções dirigentes não podem ficar parados, a ver passar os comboios, cuja alta velocidade torna hoje muito difícil que se apanhem em andamento.

A nossa Indústria precisa, e doravante muito mais, da Universidade em Portugal. A massificação que se avizinha, com a extinção do *numerus clausus*, vai agravar a situação. Entende-se que a **única** maneira da Universidade ser útil à Indústria consiste em fornecer um serviço pedagógico de alta qualidade. E para isso devem existir condições materiais e humanas, estruturais e ambientais, que promovam a indispensável celeridade e flexibilidade, com eficácia e competência. ■